

GUERRA, V. M. L. *Povos Indígenas: Identidade e Exclusão Social*. Campo Grande: Editora da UFMS, 218 páginas, 2015.

Resenhado por Icléia Caires Moreira<sup>1</sup>

Vânia Maria Lescano Guerra é doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP (Araraquara), pós-doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Atualmente é docente permanente da Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e pesquisadora do CNPq com inúmeras produções voltadas a questão indígena e suas práticas identitárias e culturais.

Embasada em uma episteme transdisciplinar capaz de compreender o marginalizado, a saber: Análise do Discurso de orientação Francesa e os Estudos Culturalistas, a autora traz a público o livro “Povos Indígenas: Identidade e Exclusão Social”, a fim de lançar um olhar problematizador sobre tais sujeitos que têm sido relegados por diversos séculos às chamadas periferias existenciais. A obra, prefaciada pela professora doutora Marlene Durigan, reúne oito artigos, que variam de dezenove a trinta páginas, comprometidos em problematizar, via análises específicas, os entremeios do discurso geradores dos processos de in/exclusão no que tange a representação de si e do outro, na relação entre indígena e branco ao longo da história. Apresenta contribuições indispensáveis ao rol de debates a respeito da (des)igualdade e diferença, sob a insígnia conscienciosa da provisoriedade científica e (des)construção verdades absolutas.

No capítulo I, “A mídia Impressa e a produção do Discurso da ‘integração’”, Guerra (2015) tece considerações sobre a produção das identidades dos indígenas sul-mato-grossenses materializadas no discurso do Jornal “O Progresso”, mídia impressa douradense, com relação a “I Conferência Regional dos Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul”, sediada em Dourados em 2005. Norteia-se sob a reflexão de como a história, a prática social e a linguagem interferem na construção da imagem do indígena e da luta pela terra por meio do discurso midiático regional. Nesse diapasão, problematiza o silenciamento de algumas vozes nos discursos sobre a inclusão erigidos pela imprensa a partir dos discursos de integração. A fim de que se (des)construa um imaginário caracterizado por representações, cujos efeitos de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Três Lagoas.

sentidos acabam por configurarem-se como falsos e enviesados vinculados a relações de poder e interesses contraditórios.

No capítulo II, “As agruras da Representação de Língua por Professores Terena”, a pesquisadora discorre em que termos professores Terena de Aquidauana (MS) constituem a representação de língua face ao bilinguismo que os perpassa e seu desejo de preservação étnico-cultural diante da sociedade hegemônica. Com auxílio de Derrida (2001), Guerra (2015) traz à luz, com grande domínio teórico, o latejar dos conflitos identitários que atravessam a “aparente vantagem de se falar duas línguas” (p.43) para que reflitamos como o processo de dominar L1 e L2 pode funcionar aos sujeitos pesquisados como mecanismo “camaleônico” de sobrevivência que ora se camufla, ora insurge para garantir a continuidade étnica.

Já em “Narrativas de Si: Produção de Alunos Indígenas em Sala de aula” é abordado o processo de construção identitária de alunos indígenas de Dourados (MS) via conceitos de segregação e resistência. Para tanto, são utilizadas redações de alunos indígenas do nono ano de uma escola pública local, nas quais a autora escava marcas discriminatórias, conflitos e contradições sócio-históricas, efeitos de sentidos que emergem do/no discurso dos adolescentes em virtude de anos de opressão e marginalização fruto do processo colonial.

No texto, “O Discurso do Movimento Social Indígena: Exclusão e Resistência” a estudiosa tem como objeto de análise o “Documento final do Acampamento Terra Livre 2011 – pelo direito à vida e à mãe terra”, a partir desse dispositivo de poder, problematiza o processo de constituição identitária dos indígenas por meio das formas como são materializadas as representações sociais de exclusão constitutivas do discurso do/no documento oficial. Por meio dessa incursão analítica, Guerra (2015) mostra como o discurso e as relações de poder estão umbilicalmente atrelados, apresentando-se como uma relação de forças entre Estado e *Acampamento Terra Livre*. Situação em que o enunciador, representante coletivo, lança mão de peculiaridades, conflitos e crenças para imprimir um gesto de resistência social de seu povo diante da luta pela terra e seus direitos constitucionais.

No artigo, “Entre a Escrita de Si e as Redes Sociais, os Indígenas”, focaliza representações do indígena e do branco, pelos vieses da linguagem e identidade, construídas por professores Terenas de nível superior da região de Miranda (MS), inscritas no ciberespaço por meio blog *Terena Digital*. A autora estuda como as vivências acabaram por trocar de suporte (papel), passaram a ser confidenciais aos outros, através da ilusória comunicação

entre máquina/leitor virtual. Observa como o processo de espetacularização do eu, cuja visibilidade está atrelada a exibição e a vigilância dos dispositivos disciplinares tecnológicos, remetem ao desejo do sujeito em se fazer visto e reconhecido. Apresenta como o sujeito indígena, multifacetado e descentrado, deixa escapar nos ditos traços de si e do outro, mecanismos produtores de fama e normalidade dos povos minoritários, utilizando-se do virtual como ferramenta de empoderamento, sob a qual tem a possibilidade de erigir seus “próprios” discursos.

Em “O (des)colonialismo e seus Deslocamentos em Narrativas Indígenas”, artigo mais curto da obra, são tecidas reflexões baseadas na perspectiva pós-colonialista ligadas ao processo de constituição identitária dos indígenas sul-mato-grossenses, a partir de um gesto interpretativo de postagens realizadas na rede Social *Facebook*, a fim de perscrutar como o sujeito indígena da atualidade se representa e é representado nesse espaço discursivo de cunho tecnológico. Em seu percurso analítico Guerra (2015) desvela que se no período colonial os povos eram excluídos por terem traços culturais diferentes dos brancos, a exclusão hoje ocorre, justamente, por terem sido afetados, pelos modos de vida do branco. O que demonstra que os indígenas ainda ocupam no cenário social, um lugar de isolamento, uma marca de desigualdade caracterizada seja no passado, ou presente pela diferença e inferioridade.

Em “A (des)construção da narrativa Colonial na escritura da Cartilha para falantes Terenas”, a pesquisadora empreende análises a partir de uma cartilha para falantes Terena, publicada em 1972, utilizada até hoje como dispositivo didático-pedagógico por indígenas da região de Aquidauana/Miranda (MS). Sua é meta examinar o processo identitário instaurado nesse aparato didático para sondar como dele emergem marcas linguísticas de in/exclusão. Para tanto, vale-se da arqueogenealogia foucaultiana, Coracini (2007) e Mignolo (2003) para investigar como tal material contribui nas relações de saber/poder dos povos indígenas, impondo-lhes novas identidades, forçando-os a erigir uma construção identitária considerada fluida e múltipla (p. 170), direcionando-os a tornarem-se: sujeitos de governo e objetos de conhecimento.

Por fim, “Por uma Epistemologia Crítica para entender a Diversidade e os Discursos Periféricos”, o artigo mais extenso e denso da obra, mobiliza como é imprescindível refletir sobre os sujeitos periféricos, subalternos e seus locais epistemológicos a partir de visadas teóricas contempladoras da diferença, das relações de subalternidade e das culturas locais.

A proposta é que se estude os sujeitos subalternos sob a articulação de problematizações discursivo-desconstrutivistas e transdisciplinares que (des)estabilizem a ideia de que a linguagem é operada por binarismos, para compreendê-la como espaço de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito e poder. A partir da qual se deve buscar tecer deslocamentos, pois os sentidos não são sempre os mesmos, flutuam em um eterno vir a ser.

Neste texto, Guerra (2015) explica que é preciso lançar um olhar sobre a fronteira comprometido com uma virada teórica, cujo alicerce esteja na interseção entre os estudos culturais, o multiculturalismo e a antropologia contemporânea para que se possa (re)pensar amplamente, questões em torno da transdisciplinaridade, das identidades contemporâneas, políticas culturais e circuitos das mídias. Esse processo requer um (des)centramento da sacralidade relegada ao cânone para erigir-se no descortinar de ponderações que considerem o próprio *locus* geoistórico.

Uma obra de grande potencial investigativo indicada à linguistas, estudiosos das ciências humanas e a todos os que têm interesse pela linguagem em seu viés discursivo, por abordar diversos aspectos da linguagem sob a ótica discursivo-desconstrutivista. Traz em seu bojo uma reflexão sobre o que significa ser indígena na contemporaneidade e uma nova proposta acerca do papel do intelectual de humanas ao posicionar-se com relação às minorias. Propondo uma problematização das razões que nos permitem ver como a palavra escrita funciona construtora de identidades, leis, planejadora de programas modernizadores, organizadoras da compreensão do mundo em termos de inclusões e exclusões (CASTRO-GOMES, 2005).

Seguramente, as discussões empreendidas, de maneira clara e generosa com o leitor, corroboram, de modo preponderante, com uma nova forma de se interpretar os textos das esferas midiática, pedagógica e oficial. Funcionam, como gesto de resistência por parte da intelectual, com vistas a escapar às malhas da rede de um saber instituído. Permitem refletir por meio de uma argumentação consistente, como o discurso da exclusão também instaura-se no âmago do discurso da inclusão.

Distante da aplicabilidade inócua e da repetição exaustiva de modelos fossilizados (NOLASCO, 2013), Guerra (2015), (des)contrói, (des)loca os alicerces do discurso circulante sobre os indígenas trazendo a baila como este tem se configurado como ferramenta de agenciamento de condutas, responsável pela formação de subjetividades, que em lugar de

apagar diferenças dentro da esfera pública, reforça-as dando-lhes visibilidade. Trabalho sério, mobilizador de (re)leituras, (re)significações na ceara discursiva que nos instiga a modificarmos os valores sócio-históricos que nos perpassam enquanto sujeitos por estarmos submersos em uma cultura que enfatiza poderes e saberes da hegemonia etnocêntrica.

Recebido em: fevereiro de 2016.

Aceito em: maio de 2016.

icamoreira@hotmail.com

### **Referências bibliográficas**

CASTRO-GOMES, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER E. (Org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Argentina: Clacso 2005. p.169-186.

NOLASCO, E. C. *Perto do coração selvagem da crítica fronteiriza*. São Carlos: Pedro & João editores, 2013.